

Learning by ear – Aprender de Ouvido
Globalização 10
Migração e problemas ligados à integração na Alemanha

Autora: Sandrine Blanchard

Redacção: Yann Durand

3 vozes:

- um locutor 1 – Daniel Machava
- uma locutora 1 – Nádia Issufo
- uma locutora 2 como voz-off para a reportagem – Marta Barroso

Adicionalmente, para os sons:

- 1 voz masculina (António, africano) – Carlos Martins
 - 1 voz masculina (David, africano) – Márcio Pessoa
 - 1 voz masculina (Yannick, africano) – Jaime Jung
 - 1 voz masculina (africano clandestino) – Alexandre Schossler
 - 1 voz feminina (Cecília, africana) – Madalena Sampaio
-

Música LbE

1ª parte – Reportagem

Locutora 1 – Nádia:

Olá a todos!

Locutor 1 – Daniel:

Na nossa série dedicada à globalização vamos falar hoje das dificuldades que enfrentam os africanos residentes na Alemanha em encontrar um lugar no país de acolhimento.

Locutora 1 – Nádia:

Ou seja, vamos falar dos problemas que enfrentam a nível da integração.

Atmo Afroshop com cama

Locutor 1 – Daniel:

Vamos até à Alemanha, mais precisamente até Bona, a uma afroshop. É uma loja onde encontramos produtos africanos, mas sobretudo onde os cidadãos africanos residentes no bairro se encontram para conversar

Locutora 1 – Nádia:

Então... vamos lá!

Locutora 2 – Marta:

“Treichville, mercado internacional, produtos exóticos e cosméticos” – pode ler-se no letreiro da loja, situada nas traseiras do edifício onde se encontram os serviços administrativos da Câmara Municipal de Bona. Enfim, um pequeno espaço africano atrás da Câmara.

Atmo mais alto

António (Carlos):

“Nasci nos Camarões e serei sempre dos Camarões.”

Locutora 2 – Marta:

O António casou-se com uma alemã e acabou por naturalizar-se alemão, sobretudo para simplificar os processos administrativos. Para o poder fazer, teve de renunciar à sua nacionalidade de origem. Na loja, as questões sobre a vida na Alemanha provocam um aceso debate. Depois de ter vivido mais de vinte anos na Alemanha, Cecília, engenheira, constata que os imigrantes raramente escolheram verdadeiramente o exílio.

Cecília (Madalena):

“Se os africanos, nós, os estrangeiros, vimos aqui, altamente qualificados, para aprofundar uma matéria ou para aperfeiçoar a nossa formação profissional, fazêmo-lo para depois regressarmos aos nossos países. Aqui é pior que na nossa terra. Os africanos, que chegam aqui com diplomas, universitários, verdadeiros universitários, mandam-nos para as limpezas! Será que os pais os mandaram à escola para eles irem limpar casas-de-banho? Isto é normal? Somos pedintes permanentes, sempre a pedir desculpa, a pedir... é demais!”

Locutora 2 – Marta:

Aliás, Cecília proibiu os filhos de vir estudar para a Europa. Prefere enviar-lhes dinheiro para financiar os estudos em África. Yannick, um estudante, não tem as mesmas dificuldades com os alemães que encontrou na universidade.

Yannick (Jaime):

“A geração que eu conheço é bastante aberta, os jovens... Mas pelo que ouço de outros africanos, a situação é bastante complicada..”

Locutora 2 – Marta:

De acordo com o David, da Costa do Marfim, muitos mal-entendidos entre europeus e africanos se devem à falta de conhecimento recíproco.

David (Márcio):

“Hoje, por exemplo, queixam-se que os jovens africanos vêm morrer nas praias de Lampedusa. Mas a nós, em África, nunca ninguém nos mostrou uma imagem negativa da Europa. Sempre nos mostraram que aqui, na Europa, se vivia na opulência, que todos vivem como príncipes, na abundância. Aqui não há pobres. Foi esta a imagem que nos deram em África.”

Locutor 1 – Daniel:

Porque é que ao falar com os jovens que ficaram na sua terra, os africanos que vivem aqui, não mostram a realidade que é o seu quotidiano?

David (Márcio):

“Essa é boa: eu vou reunir jovens, em África, vou falar-lhes da Alemanha, da Europa, de como é duro aqui... dizer-lhes que não devem ir morrer nas ondas do mar ao virem para aqui... Mas à noite, na televisão, mostram-lhes os jovens alemães ou os jovens franceses nas praias, ou ao volante de carros de alta cilindrada... é um tanto ou quanto absurdo!”

Locutor 1 – Daniel:

E os clandestinos?

Locutora 1 – Nádia:

Tentámos falar com três ilegais, mas recusaram-se a falar ao microfone. Têm medo que os identifiquem. Para eles é o inferno quotidiano, têm de passar a vida a esconder-se, receiam ser detidos.

Locutora 2 – Marta:

E como explicou um dos clientes da afroshop, que preferiu ficar no anonimato, é fácil cair-se na clandestinidade...

Clandestino (Alexandre):

“Ao fim de um ano, acabou-se o dinheiro, porque tive de pagar a casa, o seguro, essas coisas.. Se não conseguires o diploma de alemão, deixas de poder olhar as pessoas de frente. Estás num impasse, és obrigado a passar a ser ilegal. Acabas por ir dormir para a estação de comboios, já não tens casa, perdeste tudo, e perguntas a ti próprio: o que é que eu fiz para merecer isto? Será que já não sou um ser humano?”

Locutor 1 – Daniel:

Quer dizer que os ilegais ficam na Europa, porque têm vergonha de regressar à sua terra e admitir que falharam?

Locutora 1 – Nádia:

Sim, muitas vezes é uma das razões para ficarem.

Locutor 1 – Daniel:

Mas diz-me uma coisa, os africanos que estão na Europa há muito tempo, acabam por ir perdendo os elos que os ligam ao país de origem, ou não?

Locutora 2 – Marta:

A maior parte dos clientes habituais da afroshop continua a sonhar com o regresso à pátria. Mas para um deles, isso não passa de uma ilusão. Recusam-se simplesmente a enfrentar a realidade.

António (Carlos):

“Estou farto destas histórias. Eu sou africano e não quero voltar para África. Porquê? Porque, actualmente, trabalho para os alemães. Há outros africanos aqui que estão a mentir. Aqueles que gostariam de partir amanhã que levantem a mão!”

[Os outros clientes, ao fundo: “Eu regresso, eu regresso”] (Madalena, Jaime)

... Eu sou dos Camarões, mas já cá estou há muito tempo. Passei aqui toda a minha juventude. O que é que tenho nos Camarões? Eu não conheço os Camarões. Tudo o que sei daquele país aprendo-o quando lá vou passar três semanas de férias. Mais, não sei. Os meus amigos estão aqui, a minha família também. Não me venham dizer que tenho de regressar aos Camarões!”

Fim da 1ª Parte**Música alta, depois com cama**

Música: “Avenue du monde” (Ousmane Toure), Archiv-Nummer: 4071718000

2ª Parte PARTE EXPLICATIVA

Só o locutor 1 – Daniel e a locutora 1 – Nádía

Locutor 1 – Daniel:

É verdade que as pessoas em situação ilegal se casam com desconhecidos só para ter o direito de ficar na Europa?

Locutora 1 – Nádía:

É o que se costuma chamar de “casamentos brancos”. Na Alemanha, como nos outros países da União, este tipo de casamentos é proibido – o que não impede que seja uma prática frequente...

Locutor 1 – Daniel:

Sim, mas entre europeus e africanos também há casamentos por amor...

Locutora 1 – Nádia:

Claro que sim. Aliás, pode conseguir-se um direito de estada ilimitado ao fim de dois anos de vida comum e pedir a nacionalidade alemã ao fim de dois ou três anos de estada regular.

Locutor 1 – Daniel:

E para os que não estão casados com um cidadão alemão?

Locutora 1 – Nádia:

Há várias possibilidades: se o imigrante tem família e reside há mais de 6 anos na Alemanha, pode pedir a naturalização.

Locutor 1 – Daniel:

E se a família ficou no país de origem?

Locutora 1 – Nádia:

Nesse caso, é preciso que tenha passado pelo menos 8 anos na Alemanha, sem interrupção. A menos que tenha frequentado durante um ano um “curso de integração”. Nesse caso pode apresentar o pedido de naturalização ao fim de sete anos. O “curso de integração” é um curso sobre a língua, a cultura e a história alemãs.

Locutor 1 – Daniel:

Não é muito fácil!

Locutora 1 – Nádia:

É verdade. Durante muito tempo, para se conseguir a nacionalidade, era preciso que pelo menos o pai ou a mãe fossem alemães. Era o chamado “direito de sangue”.

Locutor 1 – Daniel:

Uma pergunta ainda... Não, duas: podes ficar com a tua nacionalidade de origem e a alemã?

Locutora 1 – Nádia:

Regra geral, não. A Alemanha celebrou acordos só com alguns países. Se decidires pedir a nacionalidade alemã, tens de abandonar a tua nacionalidade de origem.

Locutor 1 – Daniel:

E os refugiados? Os que são perseguidos nos seus próprios países?

Locutora 1 – Nádia:

As autoridades alemãs analisam caso a caso. Enquanto a pessoa espera, a sua presença é simplesmente “tolerada” em território alemão. Depois, ou o seu estatuto é reconhecido e a sua situação regularizada ou o pedido é recusado e ela pode ser extraditada.

Locutor 1 – Daniel:

No fundo, a forma mais simples e mais segura para entrar na Europa é ter um diploma.

Locutora 1 – Nádia:

Sim, é verdade. A União Europeia procura mão-de-obra qualificada para determinados sectores. Por isso facilita o acesso ao mercado de trabalho europeu a determinados trabalhadores e dá-lhes mesmo a possibilidade de, eventualmente, se instalarem aqui definitivamente.

Outro**Locutora 2 – Marta:**

E assim chegamos ao fim de Learning by Ear – Aprender de Ouvido. Obrigada por terem acompanhado este episódio dedicado à globalização e aos problemas ligados à integração. Uma emissão da Deutsche Welle – a Voz da Alemanha -, da autoria de Sandrine Blanchard. Para saber mais, ou voltar a escutar esta emissão, basta entrar na seguinte morada online: www.dw-world.de/lbe... Até à próxima, fiquem bem!